

De Rio Grande a Brasília,
a bem-sucedida trajetória
de um dos melhores e mais
rodados músicos gaúchos da
segunda metade do século XX

Reportagem
Cultural

Peixoto Primo o pianista das celebridades

Marcello Campos, especial para JC

Separada de Porto Alegre por quase 300 quilômetros em linha reta, a cidade gaúcha de Rio Grande é musicalmente conhecida como celeiro de talentos. Sua identidade portuária e cosmopolita fez da cidade um cenário de intercâmbio sonoro incrementado por ritmos, partituras e instrumentos trazidos por marinheiros, viajantes e imigrantes dos mais diversos países. Somando-se a isso uma vida noturna movimentada e a tradição de longevas agremiações sociais, o resultado pode ser medido pelo sucesso do pianista João Antônio Peixoto Primo (1933-2001), cuja reputação ainda hoje navega por águas internacionais.

O caçula de nove irmãos foi apresentado ao instrumento na infância por Dona Dinorah, mãe e exímia no instrumento. Com

domínio no acordeon e piano, “Joca” virou “Primo” e em 1947 já atuava no Regional de Chiquinho na Rádio Cultura Riograndina (primeira emissora local), aos 14 anos. Vieram então as performances com a Orquestra de Nunes e Seus Rapazes, o circuito de bailes e o trabalho nas boates Veterana e Mangacha. Repertório, disciplina, improviso, ouvido atento a novidades e o *feeling* necessário para manter uma pista de dança em movimento: todos os caminhos apontavam para a Capital.

Destreza e simpatia abriam alas em uma cidade repleta de oportunidades para artistas como ele. “Meu sonho era seguir para Porto Alegre, mas a mãe precisava autorizar”, narraria em entrevista concedida décadas mais tarde. “Acabei esperando até completar 21 anos e então fui embora de mala, cuia, papagaio, rádio, em

1955. Morando em um dos quartos da Pensão Riograndina, na avenida João Pessoa, conheci os músicos Giovane Porzio e Wayne Dutra, que atuavam na Rádio Farroupilha e me convidaram para ser pianista no programa Rádio Sequência, líder de audiência no horário das 11h às 13h. Tudo deu certo.”

No embalo dos “melódicos” (pequenos grupos de repertório eclético e sonoridade suave), liderou seu próprio time: Primo & Seu Conjunto, ao lado de colegas como Osvaldo Carreiro (acordeon), Luizinho Santos (ritmo), os irmãos Nilton (guitarra) e Sumerival Baraldo (bateria), além de Edy Polo e Fernando Colares (voz). Contratados em 1957 pela gravadora pernambucana Rozenblit para duas faixas em disco de 78 rotações, acabaram merecendo oito em um LP digno do título *Se-*

leção Dançante – entre sambas e mambos, a versão do rock-balada *Only You* pode ser considerada o primeiro registro do gênero por músicos gaúchos.

O currículo também abraçaria apresentações em programas da Farroupilha, Gaúcha (*Música de Boate*) e Gualba (*Rádio-Baile Brah-ma*), além de apresentações por todo o Estado e ao menos duas minitemporadas em São Paulo, até o desmonte em 1960. Sempre em movimento, Primo deu no ano seguinte um passo mais ousado ao integrar – como vibrafonista e diretor – o Conjunto Flamingo, ao lado de nomes como Wilson Ayala (acordeon) e Clóvis Ibañez (bateria). Com arranjos modernos, o octeto foi atração fixa na Rádio Gaúcha e TV Piratini, lançou três LPs e dois compactos para o selo Audio Fidelity, além de abrigar como “estagiária” a jovem *lady-*

-crooner Elis Regina.

A época coincide com agendas extras de correspondente da revista carioca Cinelândia (redigindo notas sobre a cena musical gaúcha), funcionário do Banco do Brasil e diretor social da Associação Atlética da instituição (AABB). E foi no elevador da firma que ele deu de ombros ao ouvir de um estranho, na tarde de 29 de janeiro de 1965, o recado “Cuidado, querem te matar”. Horas depois, quando saía de visita noturna a um amigo no bairro Menino Deus, três sujeitos o abordaram: “Olha o bonitinho da televisão!”. Primo apanhou às ganhas, antes que os agressores fugissem acuados pela gritaria da vizinhança. Cheio de hematomas e com a roupa em frangalhos, disse desconhecer o motivo do ataque.

Leia mais na página central